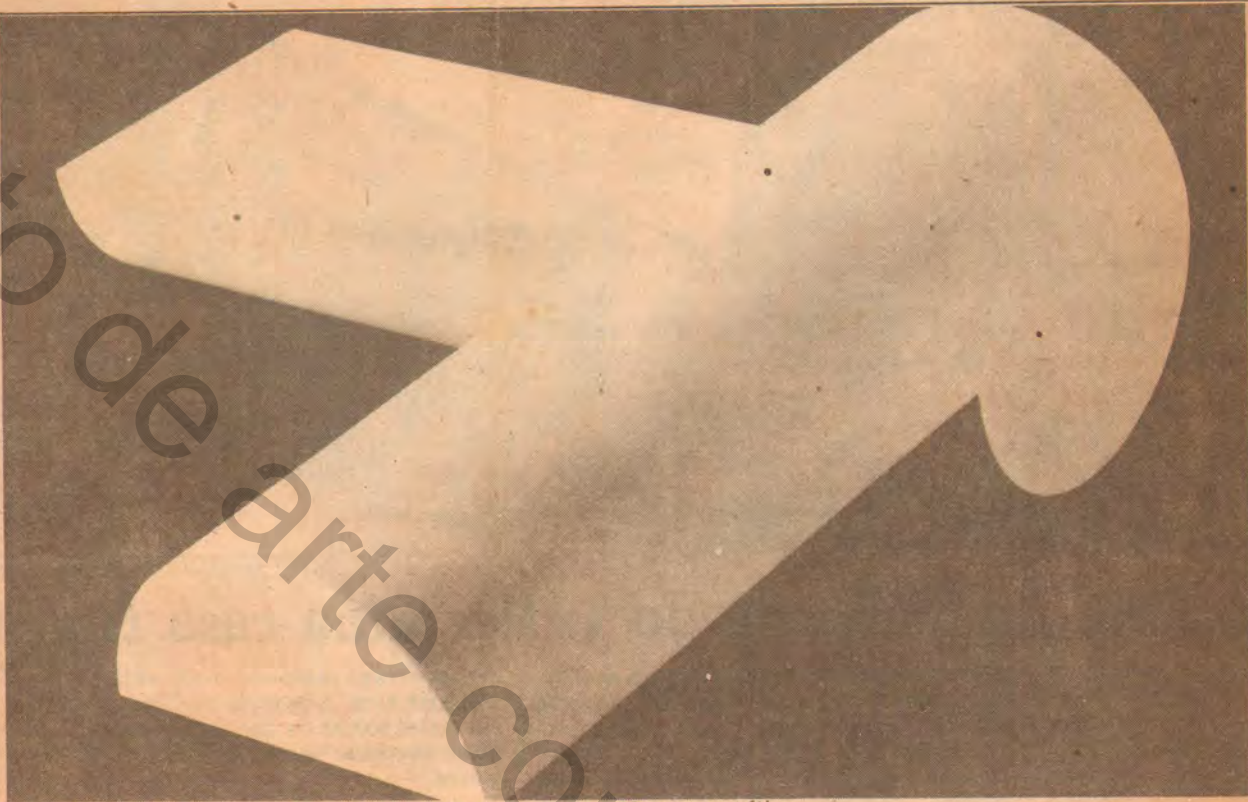


Divirta-se

VISUAIS



Não faltaram boas mostras de arte em 80. Mas o ano será lembrado mais pelo número impressionante de edições de livros de arte.



Sérgio Camargo e suas esculturas de mármore. A melhor mostra do ano segundo nosso crítico.

Boas mostras. Mas, melhor que isso, ótimos livros.

Em 1980 o grande destaque da arte brasileira não esteve exposto nos museus e galerias de arte. O seu lugar principal foi, inesperadamente, estantes e vitrinas. Trata-se do grande número de edições de arte publicadas entre nós. Finalmente a qualidade da arte brasileira começa a encontrar a sua contra-partida numa necessária retardada bibliográfica. Há muito tempo que nós temos uma arte de alta elaboração, mas sempre nos faltou a justificação teórica, a confiança em nosso próprio trabalho e o registro iconográfico e livesco. Provavelmente as nossas edições poderiam ser de melhor qualidade, com um maior número de páginas. Porém, podemos nos colocar como produtores de nível médio, quanto à elaboração; e como de boa qualidade, quanto à impressão. Mas é de tal maneira notável a quantidade e esforço destas edições que não tenho a mínima dúvida em apontar como o principal dado cultural do ano de 80 esta produção gráfica.

O autor de maior produção é o diretor do Museu de Arte de São Paulo, Pietro Maria Bardi que participou diretamente, como escritor e organizador, de 6 publicações: "Arte da Cerâmica no Brasil" (Edição Banco Sudameris do Brasil), "Pennacchi" (Ed. Raízes), "Sophia Tassinari sua arte" (ed. Masp), "Torres-Garcia" (ed. Masp-J. Boghicc), "Artes Decorativas, Liberty e Déco" (ed. Masp), "Itália-Brasil" (ed. Masp - Fondazione Giovanni Agnelli). O crítico Antonio Bento é o autor de três volumes: "Portinari" (Léo Crísthiano Editorial), "Milton Dacosta" (ed. J.P. Gandra Martins), "Abstração na Arte dos Índios Brasileiros" (ed. Spala). Outros livros publicados, de variados autores: Walmir Ayala, "Vicente Inventor" (ed. Record); J.R. Teixeira Leite, "Pancetti" (ed. Fundação Conquista); Carlos Roberto Maciel Levy, "O Grupo Grimm" e "Ernst Paft" (edição Pinakothek); Oscar Niemayer, "Rio" (ed. Avenir); Mario Cravo Neto, com textos de Jorge Amado, L. Seráfico e Clarisa J.C. Cretella, "Bahia" (ed. Rodhia); Maria Helena Chartuni, "N. S. da

Aparecida, história de uma restauração" (ed. Masp); Olívio Tavares de Araújo, "Thomaz" (ed. Grifo); Marcos Marcondes, "Bruno Giorgi" (ed. Art edit-ed. Record); Renato Wagner "Jóia Contemporânea Brasileira" (ed. R. Wagner); Silvia R. Coimbra, M.L. Duarte, F. Martins, "O Reinado da lua-escultores populares do Nordeste" (ed. Salamandra); J. Klintowitz, "Zaragoza, desenhos eróticos" (ed. Raízes), "Augusto Rodrigues" (ed. Darcy Barros-Raízes), "Aldo Bonadei" (ed. MWM, Motores Diesel-Raízes), "Notas para um retrato de Rodrigo de Haro" (ed. Clube de Agosto).

O destaque individual, entre tantas publicações, pode ser dado a Pietro Maria Bardi, por seu "Cerâmica...", e Antonio Bento, por "Portinari". As melhores programações visuais devem ser conferidas a Dan Fialdini ("Cerâmica...", "Pennacchi", "Torres-Garcia"), Emanuel Araújo ("Bahia", "Bonadei", "A. Rodrigues") e Israel Pedrosa ("Portinari"). A melhor gráfica especializada é a Raízes ("Bahia", "Pennacchi", "Torres-Garcia", "Cerâmica...", "Milton Dacosta", "Thomaz", "A. Rodrigues", "Bonadei", "Zaragoza...").

Houve duas exposições coletivas de alto nível, capacidade de organização, inventividade, contribuição à comunidade com novas propostas: "Brasil-Itália", no MASP, organização de P. M. Bardi, e "Arte Plumária Brasileira", no MAM, organização de Norberto Nicola. Como novidades para a população houve, como exposição permanente (em balcões especialmente construídos), a cerâmica renascentista italiana e 73 esculturas de Degas, ambas no MASP. Como arte pública, os dois painéis na Estação da Sé-Metrô, de Tozzi e Renina Katz. Como gesto, a doação do crítico Theon Spanudis, que deu preciosa coleção (quase 500 obras) para o Museu de Arte Contemporânea.

A melhor exposição individual de 1980 é do escultor Sérgio Camargo (Masp). Exposições que, por sua qualidade, merecem ser lembradas: Flávio Shiró, Fayga Ostrower

(Kate Gallery); Caciporé Torres, Ermelindo Nardin (gal. Arte Aplicada); Becheroni, V. Pavianos (gal. Skultura); Cláudio Tozzi, Gregório (gal. A. Bonfiglioli); Siron Franco (Masp); Aldo Bonadei (Masp e gal. Cosme Velho); Zaragoza (local especial); Glauco Pinto de Moraes, Marcos Concílio (gal. Paulo Figueiredo); Niobe Xandó (Ars Artis); Flávio Império (Spazio Pirandello); H. Grudziński (gal. Documenta); Ubuirajara Ribeiro (Sesc); A. Volpi (gal. A. Ponte); Renina Katz (gal. Suzanna Saussou).

Por óbvio merecimento a melhor instituição foi o Museu de Arte de São Paulo-Masp, pois participou diretamente das seguintes atividades: Brasil-Itália; Cerâmica Renascentista Italiana, 73; esculturas de Degas; Sérgio Camargo; Siron Franco; Aldo Bonadei. E das seguintes edições: Arte da Cerâmica no Brasil; Pennacchi; Sophia Tassinari; Torres-Garcia; Artes Decorativas-Liberty e Déco; Itália-Brasil; N.S. Aparecida.

Por outro lado, por óbvio desmerecimento, a pior instituição cultural foi a Bienal de São Paulo que, apesar de tudo ter prometido, num período de quase um ano não fez qualquer atividade significativa, organizou uma "consulta" com críticos continentais que terminaram de bombardear a frágil organização, retomou o tempo, exatamente 30 anos atrás, tornando-se apenas e novamente uma "expositora de arte internacional" e, em tão curto prazo, terminou com a demissão e o fracasso de seu quadro principal de diretores e conselheiros, Paulo Sérgio Pinheiro, Fernando Milan, Araci Amaral. E deve ser destacado principalmente — além das derrotas teóricas que terão graves conseqüências o ter conseguido passar o ano de 80 absolutamente virgem de atividades. O seu principal mérito foi o de ter emprestado o local para atividades de outras instituições (aliás, subemprestar, já que o local é emprestado, pois pertence ao município).